

INVESTI MENTOS

CAP.

CAP. DE AMOSTRA

Martin Casals Iglesias

INVESTI MENTOS

**Textos para nunca
mais esquecer**



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2019

CAP. DE AMOSTRA

Dedico este livro a minha querida filha Carolina (*in memoriam*), que mesmo sem ter dito sequer uma palavra, ensinou-me a viver.

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

SOBRE O AUTOR

MARTIN CASALS IGLESIAS atua há mais de vinte e cinco anos em produtos de investimento, com foco especial em recomendação de investimentos para pessoas físicas. É mestre e doutorando em Economia pela Fundação Getúlio Vargas, onde leciona em cursos de pós-graduação. Concentra seus estudos em finanças comportamentais, área na qual tem escrito diversos artigos. Foi um dos primeiros planejadores financeiros pessoais a obter no Brasil a certificação internacional CFP (Certified Financial Planner).

CAP. DE AMOSTRA

AGRADECIMENTOS

SÃO TANTAS AS PESSOAS que contribuíram com esta obra que temo esquecer alguém. Espero que Deus me ajude a lembrar da melhor forma possível, pelo menos daqueles que contribuíram mais diretamente.

Não posso deixar de encabeçar a lista com minha linda e querida filha Helena, de quem subtraí muitas horas da minha presença para escrever este livro. Espero que o orgulho ao ver a obra do seu pai compense, de alguma maneira, o tempo que deixei de lhe dedicar. Quero também agradecer à Valéria, minha esposa, cuja força e alegria são capazes de encorajar qualquer um.

Agradeço à Claudia, minha querida irmã, todo o auxílio dado na revisão preliminar do livro, além da minha mãe, Laura Angélica, cuja sabedoria é fonte inesgotável de inspiração. Lembro-me também do meu grande amigo Fernando Sousa, que me deu muitas sugestões, algumas das quais ajudaram a compor o livro.

Agradeço também ao professor Jurandir Macedo, que foi o primeiro a ver que uma simples ideia poderia se tornar um livro.

CAP. DE AMOSTRA

APRESENTAÇÃO

A NOITE DE LANÇAMENTO da primeira edição deste livro em 2011, com o título *Investimentos: Um livro de segredos e conselhos*, foi sem dúvida um dos momentos mais felizes da minha vida. Quase oito anos depois, tenho que admitir que a minha alegria com o relançamento é a mesma.

Aproveito estas linhas para confessar, meu caro leitor, que sempre pensei que o nome original da primeira edição não capturava o seu espírito, onde a forma e conteúdo andam juntos, pois na minha mente ele precisava ensinar e ao mesmo tempo devia ser prazeroso de ler.

Este livro é composto de partes que, embora sejam interdependentes, comunicam-se através de mensagens importantes sobre finanças. Costumo pensar que é uma espécie de mosaico, ou seja, uma tentativa de transformação de cacos e pedaços que fazem sentido individualmente — em um conjunto harmônico onde a beleza prevalece sobre qualquer traço individual.

Ele é também uma releitura, onde vários conceitos são apresentados de forma vinculada a outros aspectos da vida. Acho que insistir nesses vínculos é fundamental para as já que esta matéria permeia nossos sonhos e conquistas, além do fato do dinheiro ser um importante suporte para estes e não um anexo sem conexão.

Investimentos

O livro foi construído para ser lido como cada um assim o desejar. Pode ser tanto na sua sequência natural, da primeira à última página, passando pelas seções “O mercado, a mente e o plano” ou fora de ordem — escolhendo o assunto que mais interessa a cada um.

Não importa a forma, desejo a todos os leitores uma boa leitura, com o mesmo prazer que eu tive nos meses em que o gastei escrevendo.

Martin Casals Iglesias

SUMÁRIO

Seção 1: O mercado	1
Capítulo I: A incerteza, o latim e a Roda da Fortuna	3
Capítulo II: O Quincunx. Foi assim que surgiu o risco como o conhecemos	9
Capítulo III: O tesouro de Eldorado e o Prêmio de Risco do mercado acionário	17
Capítulo IV: Cervantes, ovos, futebol e a diversificação	25
Capítulo V: Maquiavel, fundamentos e análise gráfica	33
Seção 2: A mente	41
Capítulo VI: A penny for your thoughts	43
Capítulo VII: A exposição a risco do investidor brasileiro, um ovo de Colombo	47
Capítulo VIII: Mercado de ações, Ulisses pode nos ajudar	51
Capítulo IX: A névoa da guerra: como surgem as bolhas	57
Capítulo X: Os lírios do campo, a riqueza e a felicidade	61
Seção 3: O plano	67
Capítulo XI: Equilíbrio, planejamento e vírus letal africano	69
Capítulo XII: Sobre objetivos e vacas magras	77
Capítulo XIII: O futuro, a aposentadoria e um belo samba	83
Capítulo XIV: Juros, renda fixa e parábola dos talentos	91
Capítulo XV: Aplicações periódicas no mercado acionário, a estratégia do devagar e sempre	99
Conclusão	103
Bibliografia	105
Índice	109

SEÇÃO

1

CAP. DE AMOSTRA

O mercado

Esta seção procura discutir uma série de conceitos vinculados ao mercado financeiro de capitais.

Os dois primeiros capítulos tentam discutir os conceitos de incerteza e risco, para que no terceiro capítulo possam ser discutidas as circunstâncias nas quais valem a pena assumir os riscos na busca por melhores resultados. Posteriormente, abordamos o conceito de diversificação e o colocamos como uma importante ferramenta na construção de um portfólio. Finalmente, discutimos as formas de análise que podem nos ajudar a ter sucesso no mercado de ações.

CAP. DE AMOSTRA





CAPÍTULO I

A incerteza, o latim e a Roda da Fortuna

O SOM DE UM GRANDIOSO coral surge do nada, disputando espaço com cordas que criam um efeito de grandiosidade e mistério. Quatro fortes golpes de voz surpreendem os ouvintes com apenas uma frase: “*O Fortuna*”. Os metais e a percussão entram para cortar e destruir, rasgando ao meio a harmonia que surgia. O coral acompanhado pelas cordas não desiste e entra mais uma vez no mesmo tom e potência: “*velut luna*”. A briga recomeça, os metais e a percussão entram novamente, mas desta vez para perder de forma definitiva para um “*statu variabilis*”, pronunciado com tal melodia, harmonia e potência que não é possível retrucar.

A música recomeça praticamente do zero. O coral começa a construir um longo crescendo “*semper crescis*”, “*out decrescis*”, “*vita detestabilis*”. A força aparece aos poucos, tal qual tecido costurado ponto a ponto. “*Nunc obdurat*” “*et nunc curat*”. A música continua até totalizar três estrofes de doze versos cada, com rima e métrica perfeitas.

Existem músicas que conquistam o ouvinte facilmente, como amor à primeira audição. *Carmina Burana*, obra-prima de Carl Orff, é uma delas. A primeira canção da cantata, chamada de “*O Fortuna*”, tem pouco mais de dois minutos, tempo suficiente para apaixonar até os corações mais adormecidos.

Investimentos

Difícil dizer o que a caracteriza: grandiosidade, sem dúvida, mas também o mistério propiciado pelo uso das palavras em latim é impactante, que apesar de serem incompreensíveis trazem algo de familiar na sua sonoridade. Pois é, o latim é assim: algumas vezes suave e sagrado; outras, tenebroso e sinistro.

Essa cantata cênica é uma compilação de textos de baixo latim escritos entre os séculos XI e XII. O vínculo entre eles se dá através de um assunto incomum: a Roda da Fortuna, antigo símbolo da sorte e do azar, isto é, do acaso. No fim das contas, a obra é uma junção de textos sagrados e profanos que se unem como um cântico a vida e a sua imprevisibilidade.

Se traduzir um texto em prosa é complexo, traduzir poesia é bem mais. É como se o responsável pela tradução se visse no meio de um embate entre o sentido que o autor quer dar ao texto, à métrica e à rima. Como em qualquer embate, é difícil acreditar que todos sairão intactos. Quando o texto está em um latim de dez séculos atrás, as chances de haver algum dano sério são quase certas. No nosso caso em questão ("*O Fortuna*", de *Carmina Burana*), é importante salvar o sentido, mesmo que a métrica e a rima paguem o preço. Segue uma tentativa de tradução da primeira estrofe:

*“Oh Fortuna,
Variável como a lua,
Sempre cresces,
Ou minguas.
Detestável,
Ora frustras,
Ora satisfazes
Com zombaria
Os desejos da mente.
A pobreza
E o poder
Dissolves como o gelo.”*

A incerteza, o latim e a Roda da Fortuna

Poderosa Deusa é a Fortuna. Ergue e destitui. Não pede licença. Ela é incerteza, é risco no seu estado mais bruto.

Cabe aqui tentar esclarecer a diferença entre os conceitos de incerteza e risco. O primeiro refere-se àquilo que é totalmente imponderável, que não consegue ser medido nem quantificado. O segundo tenta domar a incerteza e quantificá-la, com o intuito de prever e controlar. Em um mundo de incertezas, não conseguimos andar, com o risco conseguimos tatear.

Feita essa ressalva, podemos voltar aos versos. *Carmina Burana* nos convida a refletir sobre dois pontos centrais. O primeiro alude ao fato de que se o mundo tem um componente imprevisível tão relevante, como podemos tentar projetar o futuro? Em outras palavras, se a sorte dita de tal forma os acontecimentos e dessa forma eles brotam ao léu, por que desejamos envolvê-los em causalidades que nem sempre existem?

Quantos dos grandes acontecimentos da história da humanidade conseguiram ser previstos? Quem previu que um genovês (ou catalão, como afirmam alguns estudiosos contemporâneos) desembarcaria em uma ilha batizada de São Salvador (hoje República Dominicana) em um 12 de Outubro de 1492? Acredito que a própria financiadora da viagem, a Rainha Isabel, a Católica, deu suas joias a Cristóvão Colombo por considerar que se tratava de uma expedição barata, e não por acreditar no que dizia um navegador com ideias revolucionárias. Mas um fato é certo: o mundo não seria como é hoje se tal homem não tivesse desembarcado. Quem previu a grande depressão de 1929? Quem previu o surgimento revolucionário do computador? E o *crash* de 1987? A respeito desse último, que ainda é a maior queda da bolsa de Nova York em um único dia, não temos nem uma explicação realmente convincente. E os atentados às Torres Gêmeas em 2001? Quem previu isso? Quem previu aquilo...? Os exemplos são tantos que poderíamos gastar livros e mais livros para tentar apenas citá-los.

Investimentos

Erramos ao não prever e erramos ao prever. Lembremos o futuro projetado em *2001: Uma Odisseia no Espaço* (destaco que qualquer erro de previsão não tira um milímetro do valor do filme, nem do seu diretor, Stanley Kubrick), rodeado de naves espaciais. É obvio que essa projeção estava totalmente vinculada à imagem de futuro de quem vivia em um momento de corrida espacial — em meio à Guerra Fria. Esse futuro foi desmontado por muitos acontecimentos não previstos: o primeiro foi o fim da Guerra Fria; o segundo, os acidentes com os ônibus espaciais americanos. Onde estava a internet nesse filme? A verdade é que o futuro, em vez de nos levar para fora do nosso planeta, permitiu-nos estreitar a distância entre as pessoas.

Niels Bohr, físico estudioso dos átomos, tinha uma bem-humorada frase que resume muito bem a questão: "Predição é muito difícil, especialmente se for sobre o futuro".

Não quero dizer que as previsões não tenham valor. Longe disso. Elas, como afirmei anteriormente, permitem-nos tatear no meio da escuridão da incerteza. Elas têm muito valor, mas não devem ser acatadas como certas. São apenas projeções.

O segundo grande ensinamento de *Carmina Burana*, e que é apenas um desdobramento do ensinamento sobre as projeções, refere-se ao nosso excesso de confiança ou otimismo exagerado quando realizamos investimentos sujeitos a risco. Gostamos de crer em argumentos que respaldam as chances de perdas ínfimas, aplicando processos e metodologias de risco que se limitam a eventuais perdas. A verdade é que, embora esses processos e metodologias consigam de alguma forma quantificar possíveis perdas, a história nos mostra inúmeros casos nos quais pessoas e instituições sérias e aparentemente sólidas assumiram riscos desproporcionais a suas capacidades de arcar com as consequências, porque de alguma forma ignoraram ou relevaram o poder do acaso, do extremo ou da incerteza.

A incerteza, o latim e a Roda da Fortuna

Os casos estão aí. A crise do *subprime* de 2008 é apenas um exemplo, a ela se soma um histórico enorme de casos: a bolha das tulipas na Holanda; esquemas do tipo pirâmide (atribuídos originalmente a Ponzi); a crise da Nasdaq, também conhecida como a bolha da internet, que provocou perdas enormes a empresas ligadas a ações do setor de tecnologia; o já citado *crash* de 1987; a bolha imobiliária japonesa; e tantas outras.

Fica aqui uma lição: quando ouvir uma projeção, em relação a cenário econômico, preços de ações, índice de ações, cotação de moedas etc, guarde-a, pense sobre ela, mas não a acate como certa, muito menos definitiva, pois o mundo gira e nem os mais sábios conseguem prever todas as mudanças.

Mas se em alguma ocasião você estiver de frente para uma oportunidade de investimento que não parece muito arriscada e que promete retornos fantásticos, por favor, lembre-se dos acontecimentos de 1929, 1987 ou, mais recentemente, 2001 e 2008. Melhor ainda, recorde os versos magníficos de *Carmina Burana*.

CAP. DE AMOSTRA